



## **“ISSO NÃO É LITERATURA” É RACISMO? MEMÓRIA, PRÉ-CONSTRUÍDO E EFEITOS DE SENTIDO NA ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS**

Laís Virginia Alves Medeiros<sup>1</sup>

*“... Nas prisões os negros eram os bodes espiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os preto sejam feliz.”*

(JESUS, 1993, p. 27)

O trabalho que apresento aqui traz desde o título uma interrogação, interrogação que representa dúvidas que ecoaram em mim a partir de um evento específico e que me motivaram a trazê-las para um debate teórico. O evento a que me refiro foi a homenagem à escritora Carolina de Jesus promovida pela Academia Carioca de Letras em abril de 2017. Em sua fala de apresentação da obra da autora na cerimônia, o professor de literatura Ivan Proença Cavalcanti disse o seguinte:

Só tem uma coisa, isso não é literatura. Isso pode ser um diário e há inclusive o gênero, mas, definitivamente, isso não é literatura. Cheia de períodos curtos e pobres, Carolina, sem ser imagética, semianalfabeta, não era capaz de fazer orações subordinadas, por isso esses períodos curtos.

No mesmo evento estava presente Elisa Lucinda, que é atriz, cantora e escritora, e tomou a palavra logo depois de Ivan. Meu corpus de análise foi elaborado a partir da resposta que ela publicou em sua página no Facebook após o evento, resposta que reproduz algumas das críticas que ela fez pessoalmente e adiciona comentários, como o que segue:

Aquilo, se não era uma piada de mau gosto, era o que era: uma trágica demonstração de racismo sob o fenótipo de um argumento acadêmico. Ele exigia dela, para ser literatura, um formalismo acadêmico do qual o sucesso de sua literatura pôde prescindir.

Não é meu interesse aqui iniciar um debate sobre o que é literatura e quem tem autoridade para definir isso. Me interessa compreender, pelos dispositivos teórico-metodológicos da Análise do Discurso pecheuxtiana, como uma fala que em sua materialidade linguística trata estritamente sobre literatura pode reverberar como racismo, mesmo sem falar em momento algum qualquer palavra que remeta a raça ou que tenha conotação historicamente racista.

Destaco dessa primeira citação de Elisa Lucinda a seguinte sequência:

*era o que era : uma trágica demonstração de racismo.*

Me chama atenção o funcionamento de um efeito de evidência assinalado por “era o que era”, que limita o sentido a duas únicas possibilidades: ou certamente uma piada de mau gosto – e aqui nós podemos pensar em tudo que eclode e escapa sob o abrigo do humor – ou certamente uma

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística (Unicamp). E-mail: lais.v.medeiros@gmail.com.



trágica demonstração de racismo. Um funcionamento semelhante ocorre no título dado ao texto de resposta publicado em sua página no Facebook:

*A grande gafe eurocêntrica ou O desrespeito à Carolina de Jesus na casa da palavra ou Isso não vai ficar assim*

O título aponta para pelo menos três movimentos de sentidos que se completam: uma predominância de padrões eurocêntricos no meio literário, que justifica por critérios acadêmicos aquilo que é tomado como desrespeito à autora e que clama por retratação, por reparação, por justiça. Os títulos que se alternam, se substituindo ou se completando, imediatamente me remeteram a Clarice Lispector, que, ao apresentar a história de Macabéa em seu último livro, traz na folha de rosto as alternativas “A culpa é minha Ou A hora da estrela Ou Ela que se arranje Ou O direito ao grito”. Talvez exista na narrativa sobre a miséria humana, seja ela dada por motivo racial, socioeconômico ou ambos, uma inconformidade diante da condição de não se poder dizer tudo. Frente ao desafio da incompletude, o que eclode é uma tentativa de contorná-la pela repetição, dizendo todo o possível

No outro trecho da resposta de Elisa Lucinda, ela afirma que

Se me perguntarem o que mais me incomoda no epidêmico e sistemático racismo direi que é o olhar que depositam sobre nós a proferir as mesmas mudas perguntas: “Como ousas? O que você está fazendo aqui? Você não sabe que aqui não é o seu lugar?”. Sem flagrante aparente mas intimidadora essa pergunta é feita com o olhar e não deixa dúvidas.

Para melhor compreender essa sequência, busquei inscrevê-la e situá-la em suas condições sócio-históricas de produção. Para isso, me vali dos dados publicados no livro *Literatura Brasileira Contemporânea — Um Território Contestado*, da pesquisadora Regina Dalcastagnè, da Universidade de Brasília (UnB). Esse estudo, publicado em 2012, aponta numericamente aquilo de que já podíamos desconfiar: pela leitura de 258 romances, publicados no período de 1990 a 2004, pelas editoras Companhia das Letras, Record e Rocco, Dalcastagnè concluiu que o percentual de autores brancos nesse recorte da Literatura Brasileira é de 93,9%, dos quais 72,7% são homens.

Cotejando esses dados à declaração de Elisa Lucinda, identifico na pergunta muda que incomoda a artista (“O que você está fazendo aqui? Você não sabe que aqui não é o seu lugar? ”) uma relação de paráfrase com as declarações, não mais mudas, mas sim bastante sonoras, do professor Ivan Cavalcanti, relação na qual pré-construído e memória se chocam e produzem o sentido de racismo, que não está inscrito na materialidade linguística, mas é autorizado pela memória discursiva.

Entendo aqui a memória discursiva como definida por Michel Pêcheux ([1983] 1999): aquilo que face a um texto restabelece os implícitos necessários para sua leitura, sendo a condição do legível em relação ao próprio legível. Já o pré-construído, segundo Paul Henry, caracteriza uma construção anterior, algo que fala externa e independentemente.

Desse modo, as declarações do professor Ivan Cavalcanti não funcionam sozinhas, mas inscrevem-se numa rede de sentidos em que toda uma historicidade de exclusão e discriminação de



pessoas negras reverbera. Na dissertação de mestrado de Yara Brito Brasileiro (2003), encontramos que a organização do Brasil colonial, a escravidão e a divisão entre senhores e escravos que impunha uma posição de inferioridade aos escravos negros foi um ponto fulcral para a memória da raça negra. Além disso, a autora reconhece a existência de uma memória discursiva que significa a pessoa negra como pobre, e a partir disso determina quais lugares ela deve ou não ocupar.

Ora, lembrando que a escrita de Carolina de Jesus é uma escrita atravessada pela pobreza, exemplificando esse lugar social historicamente atribuído às pessoas negras, sua emergência como escritora internacionalmente reconhecida provoca uma ruptura nesse universo logicamente estabilizado, ruptura esta que precisa ser combatida. A obra pode até ser diário, mas não pode ser literatura. Os pré-construídos que sustentam o discurso de autoridade acadêmico-científica, apagando o sujeito, sustentam também as afirmações que promovem a exclusão dessa autora negra do meio literário através de justificativas pautadas num conhecimento técnico da escrita.

No entanto, essas justificativas se confrontam com uma memória da negritude, memória esta marcada por um histórico de interdições e violências de todo tipo, manifestas principalmente pelos silenciamentos: como a autora negra ousa? Ela não sabe que não pode escrever sem fazer orações subordinadas? O que ela está fazendo aqui, no terreno historicamente branco e masculino da literatura?

Retomo aqui a pesquisa de Andréia Daltoé (2013), que, ao analisar as metáforas de Lula e o desconforto que elas causavam, propõe que se entenda o estranhamento como sintoma de uma não aceitação: uma pessoa sem estudo não pode ocupar o lugar de presidente da República, e a língua que desvia do padrão esperado para a posição é a entrada por onde se desenvolve a crítica. É nessa esteira que chamo atenção para a crítica de Ivan, que se foca especificamente na sintaxe, na suposta incapacidade de fazer orações subordinadas. Com base em Pêcheux, é possível sustentar que as relações de classe têm efeito sobre as práticas linguísticas e que as diferentes realizações da língua se reinscrevem nas diferenças de sentido. É levando isso em conta que questiono: que sentido é atribuído à escrita e a quem escreve a partir de uma realização sintática específica? É a sintaxe que inscreve o lugar de escritora aceita como literatura em contraponto ao lugar de relatora, de produtora de diário?

A estratificação social sugerida por essas questões remonta, ainda hoje, à gramatização da língua brasileira, momento em que, segundo Mittmann (2010), a subjetividade brasileira foi refratada por graus de conhecimento linguístico, dividindo os sujeitos entre aqueles que sabem e os que não sabem a língua, divisão ainda não superada que ecoa no reconhecimento (ou na falta dele) de Carolina de Jesus como escritora. Na crítica feita a Carolina de Jesus, essas questões se entrelaçam num funcionamento semelhante ao apontado por Daltoé no que diz respeito à interdição e ao estranhamento: pode uma semianalfabeta favelada escrever e ser digna de homenagem por sua escrita?

É no encontro desses apontamentos que as declarações de Ivan Cavalcanti podem ser lidas como racistas, ao acionarem uma memória discursiva de um racismo, tão característico em nosso



país, que se dá pela sutileza, pelo detalhe, pelos não ditos. Ora, um sujeito determinado pelo aspecto jurídico sabe, “todo mundo sabe que” não se pode dizer que uma mulher negra não pode fazer literatura porque o lugar dela é no quarto de despejo e não na Academia de Letras. Então se diz que o problema da obra dela é a incapacidade de fazer orações subordinadas, porque *isso*, sim, seria uma crítica literária, científica, acadêmica e que não seria racista. No entanto, o funcionamento da memória discursiva não se restringe à materialidade linguística e resgata sentidos outros, a partir dos quais o racismo, mesmo que não tenha sido explicitamente referido, emerge como um sentido possível.

## REFERÊNCIAS

- BRASILEIRO, Yara Brito. *Um quilombo na mídia*: um estudo discursivo da Revista Raça Brasil. 144f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea*: um território contestado. Editora Horizonte, 2012.
- DALTOÉ, Andréia da Silva. As metáforas de Lula: o deslizamento dos sentidos e a ordem política na língua. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo* - v. 9 - n. 2 - p. 295-308 - jul./dez. 2013
- ELISA LUCINDA. *A grande gafe eurocêntrica ou O desrespeito à Carolina de Jesus na casa da palavra ou Isso não vai ficar assim*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/elisalucinda/posts/1289284134489348>>. Acesso em: 03 set. 2017.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. Editora Ática, 1993.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MITTMANN, Solange. Língua, gramática e normatização em discursos de arquivo. In: ABREU, Sabrina P. de. (Org.). *Reflexões linguísticas e redação no vestibular*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010, p. 63-83.
- PÊCHEUX, Michel. (1983) Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et alii. *Papel da memória*. Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.
- \_\_\_\_\_. (1975) *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana Mabel Serrani. Campinas, Ed. Pontes, 2009.
- PRIKLADNICKI, Fábio. Pesquisa revela perfil dos escritores e personagens da literatura brasileira contemporânea. *Geledés*: Instituto da Mulher Negra, 12 abr. 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/pesquisa-revela-perfil-dos-escritores-e-personagens-da-literatura-brasileira-contemporanea/>>. Acesso em: 03 set. 2017.